

EDITH STEIN: EMPATIA E VIDA ASSOCIATIVA

Paulo de Matos Félix

Doutorando em Filosofia pela *Pontificia Università Lateranense* de Roma. Mestre em Filosofia pela *Pontificia Università Gregoriana* de Roma. Professor de Filosofia no Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília. Reitor do Seminário Missionário Arquidiocesano *Redemptoris Mater* de Brasília. E-mail: paulodematos@terra.com.br

Resumo: O presente artigo antes de analisar o tema da empatia nos estudos de Edith Stein, e sua contribuição para a análise das agregações humanas, apresenta de modo sucinto o crescimento intelectual de Edith Stein, as contribuições de vários filósofos no seu desenvolver filosófico até sua reflexão sobre a empatia; bem como a força de ter sido "alcançada por Cristo" e a influência dos escritos de Santa Teresa de Ávila, que geraram a sua conversão ao catolicismo. Para Edith Stein, a empatia é o que permite dar-se conta do outro, de entrar em relação com o sujeito (sem reduzi-lo ou desconsiderá-lo enquanto pessoa). Pela empatia, pode-se entrar na experiência do outro, identificando seus valores e atitudes, valorizando a alteridade, sem cair na indiferença. Ao analisar as principais formas de agregações humanas (comunidade, massa, sociedade, Estado), Stein verifica que a comunidade é a forma associativa que mais respeita a individualidade e dignidade de cada pessoa, pois está baseada no intercâmbio de dons (possível pela experiência empática) e disponibilidade (solidariedade) de cada indivíduo que a compõe. Em contraposição, nas demais formas sociais algum fator pessoal será reduzido, manipulado ou desconsiderado para manter a estrutura interna dessa forma social. Para Stein, como o homem é um ser pessoal e comunitário desde a sua gênese, necessita do crescimento na experiência empática e na solidariedade, para não diluir-se ou vender-se a experiências sociais que lhe descaracterizem, mas valorizem e permitam-lhe crescer sempre mais, enquanto pessoa.

Palavras-chave: Fenomenologia. Empatia. Comunidade. Solidariedade. Massa. Estado.

Abstract: This article, before analyzing the theme of empathy in Edith Stein's studies and

her contribution to the analysis of human aggregations, briefly presents the intellectual growth of Edith Stein, the contributions of various philosophers in her philosophical development until her reflection on empathy; as well as the force of having been "reached by Christ" and the influence of the writings of St. Teresa of Avila, which led to her conversion to Catholicism. For Edith Stein, empathy is what allows one to realize the other, to enter into relationship with the subject (without reducing or disregarding him as a person). Through empathy, one can enter into the experience of the other, identifying their values and attitudes, valuing alterity, without falling into indifference. In analyzing the main forms of human aggregation (community, mass, society, state), Stein finds that the community is the associative form that most respects the individuality and dignity of each person, since it is based on the exchange of gifts (possible by empathic experience) and accessibility (solidarity) of each individual composing it. In opposition, in the other social forms some personal factor will be reduced, manipulated or disregarded to maintain the internal structure of this social form. For Stein, since man is a personal and communitarian being since his genesis, he needs growth in empathic experience and solidarity, not to be diluted or sold to social experiences that deprive him of his value but allow him to grow always more, as a person.

Keywords: Phenomenology. Empathy. Community. Solidarity. Mass. State.

Resumen: Este artículo, antes de analizar el tema de la empatía en los estudios de Edith Stein y su contribución al análisis de las agregaciones humanas, presenta brevemente el crecimiento intelectual de Edith Stein, las contribuciones de varios filósofos en su desarrollo filosófico a su

reflexión sobre la empatía, así como el poder de haber sido "alcanzado por Cristo" y la influencia de los escritos de Santa Teresa de Ávila, que llevaron a su conversión al catolicismo. Para Edith Stein, la empatía es lo que le permite a uno darse cuenta del otro, entrar en relación con el sujeto (sin reducirlo o despreciarlo como persona). A través de la empatía, uno puede entrar en la experiencia del otro, identificando sus valores y actitudes, valorando la alteridad, sin caer en la indiferencia. Al analizar las principales formas de agregación humana (comunidad, masa, sociedad, estado), Stein encuentra que la comunidad es la forma asociativa que más respeta la individualidad y la dignidad de cada persona, ya que se basa en el intercambio de regalos (posible por experiencia empática) y disponibilidad (solidaridad) de cada individuo que lo compone. En contraste, en las otras formas sociales se reducirá, manipulará o ignorará algún factor personal para mantener la estructura interna de esta forma social. Para Stein, dado que el hombre es un ser personal y comunitario desde su génesis, necesita crecer en la experiencia empática y en la solidaridad, no para ser diluido o vendido a las experiencias sociales que lo privan de su valor, pues así le permiten crecer siempre más como persona.

Palabras clave: Fenomenología. Empatía. Comunidad. Solidaridad. Masa. Estado.

Sommario: Tl presente articolo, prima di esaminare la questione dell'empatia negli studi di Edith Stein e il suo contributo all'analisi delle aggregazioni umane, presenta brevemente la crescita intellettuale di Edith Stein, i contributi dei vari filosofi nel suo sviluppo filosofico fino alla sua riflessione sulla empatia, così come la forza di essere stata "raggiunta da Cristo" e l'influenza degli scritti di S. Teresa d'Avila, che l'ha portata alla sua conversione al cattolicesimo. Secondo Edith Stein, l'empatia è ciò che permette di rendersi conto dell'altro al fine di entrare in relazione con il soggetto (senza ridurlo o sconsiderarlo come persona). Attraverso l'empatia si può entrare nell'esperienza dell'altro, identificando i suoi valori e atteggiamenti, valorizzando l'alterità, senza cadere nell'indifferenza. Nell'analisi delle principali forme di aggregazioni umane (comunità, massa, società, Stato), Stein osserva che la comunità è la forma associativa che più rispetta l'individualità e la dignità di ogni persona, perché si basa sullo scambio di doni (possibili mediante l'esperienza empatica) e

disponibilità (solidarietà) di ciascun individuo che la compone. Al contrario, nelle altre forme sociali alcuni fattori personali saranno ridotti, manipolati o sconsiderati al fine di mantenere la struttura interna di questa forma sociale. L'uomo è un essere personale e comunitario fin dalla sua genesi, afferma Stein, e perciò ha bisogno di una crescita nell'esperienza empatica e nella solidarietà, per evitare di diluirsi o vendersi a delle esperienze sociali che lo snaturino, bensì lo valorizzi, facendo sì che egli cresca sempre più come persona.

Parole chiavi: Fenomenologia. Empatía. Comunità. Solidariedade. Massa. Stato.

Résumé: Cet article, avant d'analyser le thème de l'empathie dans les études d'Edith Stein et sa contribution à l'analyse des agrégations humaines, présente brièvement la croissance intellectuelle d'Edith Stein, les contributions de divers philosophes dans son développement philosophique jusqu'à sa réflexion sur l'empathie; ainsi que la force d'avoir été "atteint par le Christ" et l'influence des écrits de Sainte Thérèse d'Avila, qui ont originé sa conversion au catholicisme. Pour Edith Stein, l'empathie est ce qui permet à chacun de réaliser l'autre, d'entrer en relation avec le sujet (sans le réduire ni le négliger en tant que personne). Grâce à l'empathie, on peut entrer dans l'expérience de l'autre, en identifiant ses valeurs et ses attitudes, en valorisant l'altérité, sans tomber dans l'indifférence. En analysant les principales formes d'agrégation humaine (communauté, masse, société, État), Stein constate que la communauté est la forme associative qui respecte le plus l'individualité et la dignité de chaque personne, puisqu'elle est basée sur l'échange de dons (possible par expérience empathique) et la disponibilité (solidarité) de chaque individu qui la compose. En opposition, dans les autres formes sociales, un facteur personnel sera réduit, manipulé ou ignoré pour maintenir la structure interne de cette forme sociale. Pour Stein, l'homme étant un être personnel et communautaire depuis sa genèse, il a besoin de se développer dans l'expérience empathique et dans la solidarité pour ne pas être dilué ni vendu à des expériences sociales qui le privent de sa valeur mais qui lui permettent de grandir toujours davantage, en tant que personne.

Mots-clés: Phénoménologie. Empathie. Communauté. Solidarité. Masse. État.

Vivemos em tempos nos quais o problema antropológico está ao centro da questão filosófica. Infelizmente, reflexões contemporâneas que portam consigo ideologias nefastas estão sendo propostas e assumidas por muitos como se indicassem a verdade sobre a pessoa, contudo, vemos que essas ideologias acabam despersonalizando o próprio homem. Em nome de conceder liberdade à pessoa, como um eco tardio do “é proibido proibir” do maio de 68, são reclamados ‘direitos’ que desconsideram a natureza inscrita no homem para afirmar que a cada dia o ser humano deve onto-determinar-se, como se um suposto por-fazer metafísico fosse sinal da verdadeira liberdade.

Tendo em conta outro caminho antropológico, o presente artigo apresenta alguns traços da filosofia de Edith Stein, mulher do povo judeu, alcançada por Jesus Cristo, imolada por seu povo e toda a Igreja no Campo de Concentração de Auschwitz, proclamada santa, discípula de Husserl, propagadora da fenomenologia, doutorada com o tema da empatia, mas sobretudo, fiel à sua busca pela verdade.

Neste artigo, partirei de uma breve apresentação do itinerário intelectual de Edith Stein, apresentarei algo do tema da empatia e, tendo em conta a riqueza da pessoa aprofundada pela vivência empática, tratarei do tema das agregações humanas, dando ênfase à realidade da comunidade como base para a sociedade e o Estado.

1. O ITINERÁRIO INTELECTUAL DE EDITH STEIN

1.1 A FORMAÇÃO DE EDITH STEIN

Certamente, seria demasiadamente longo descrever todo o caminho percorrido por Edith Stein e que a conduziu ao amadurecimento filosófico. Sem dúvida, ponto basilar para essa jovem alemã foi seu encontro com a fenomenologia por meio de Husserl. Aqui, embora de modo breve, citarei alguns fatos importantes da vida de Stein e depois voltarei à influência de Husserl sobre ela¹.

¹ Os textos citados que não estiverem em língua portuguesa, serão traduzidos livremente pelo autor.

1.1.1 DE BRESLÁVIA A GOTINGA

Edith Stein, de família judia, perdeu seu pai quando tinha dois anos, mas recebeu de sua mãe uma formação que visava que todos os sete filhos pudessem ser contados entre os judeus educados. No âmbito religioso, na sua família lhe foi transmitido sobre a centralidade das grandes festas judaicas, contudo, por muito tempo tudo isso ficou como que no esquecimento, uma vez que muitos judeus estavam preocupados com outra realidade, pois grandes possibilidades profissionais estavam sendo abertas a eles. Por volta do ano 1906, Edith deixou de rezar, embora ainda acompanhasse sua mãe à Sinagoga². O ideal de Stein era entrar no Instituto e seguir sua formação, mas alguns obstáculos se faziam presentes, como o fato de ser judia e ser mulher. Além disso, havia o incipiente insurgir de um espírito antissemitico. Apesar de tudo isso, Edith Stein matriculou-se na Universidade de Breslávia e não levou em consideração as dificuldades.

As primeiras aulas de filosofia que teve Stein foram proferidas pelo professor Richard Hönigswald³ e buscavam encontrar no esquema kantiano uma resposta para a subjetividade do indivíduo, contudo, o curso demonstrou a Stein que o neokantismo não poderia resolver as questões que ela trazia dentro de si desde o tempo no qual tinha sido iniciada em questões de psicologia empírica⁴. Estudando trabalhos ligados à psicologia, Stein encontrou referências às *Investigações Lógicas* de Husserl e surgiu nela o interesse de tê-lo como professor.

Em torno a Husserl foi criado um ambiente intelectual de muitos jovens talentosos, dentre eles podem ser destacados Max Scheler, Adolf Reinach, Theodor Conrad, Roman Ingarden, etc. Naqueles anos houve em Gotinga um florescer de vida social e intelectual que conduziu ao nascimento do Círculo

² «O que rejeitava não era o Judaísmo em si, senão o Judaísmo de sua infância». MACINTYRE, Alasdair. *Edith Stein, Un prólogo filosófico, 1913-1922*. Granada: Nuevo Inicio, 2008. p. 31.

³ Richard Hönigswald (1875-1947) foi professor em Breslávia de 1906 a 1930, depois em Munique, desde onde foi levado para Dachau, mas conseguiu ser libertado e imigrou para os Estados Unidos.

⁴ Edith Stein foi introduzida em temas de Psicologia por Louis William Stern, depois teve contato com a assim chamada Escola de Würzburg.

de Gotinga. Pouco depois de chegar a Gotinga, Stein entrou em contato com Reinach, uma vez que lhe haviam recomendado esse contato, pois Reinach conseguia explicar a filosofia de Husserl de modo claro e compreensível⁵.

É importante ressaltar que Reinach teve sua tese doutoral muito influenciada por Theodor Lipps cujo

objetivo fundamental como filósofo era utilizar a psicologia para identificar e explicar as relações entre diferentes aspectos da vida mental, assim como fazer compreensíveis os diferentes tipos de experiência aos que denominou Einfühlung, “empatia”⁶.

Lipps teve seu trabalho criticado por Husserl em suas *Investigações Lógicas*, este último foi considerado inimigo do assim chamado “psicologismo” e

criticou muito especialmente as afirmações de Lipps que faziam da lógica uma disciplina dependente da psicologia e que pretendia que os especialistas em lógica tivessem como tarefa fundamental descobrir as leis naturais do pensamento⁷.

Muitos discípulos de Lipps tiveram em conta as críticas feitas por Husserl, entre eles Reinach que deixou de vez Munique e se fixou em Gotinga onde se destacou como professor com grande capacidade para explicar os escritos de Husserl. Stein levou certo tempo para ter seu contato com Reinach e acabou sendo iniciada na fenomenologia em aulas ministradas pelo próprio Husserl. Certamente, Edith Stein não teria conseguido obter o progresso filosófico que teve se Reinach não tivesse antes aberto campos de pesquisa na fenomenologia⁸.

⁵ Cf. MACINTYRE, op. cit., p. 27-31.

⁶ Ibid., p. 40.

⁷ MACINTYRE, 2008, p. 41.

⁸ Cf. Ibid., p. 43.

1.1.2 A IMPORTÂNCIA DAS INVESTIGAÇÕES LÓGICAS

Os alunos de Husserl tiveram muito em conta a indicação do mestre, segundo a qual, era necessário chegar “às coisas mesmas”

Husserl começou sua Primeira Investigação com dita análise. E para esta análise é fundamental que os objetos aos quais nos referimos, tanto se são objetos reais dos que somos conscientes pela percepção ou a memória como se são essências exemplificadas em ditos objetos, sejam o que são independentemente de nossa linguagem, percepção ou pensamento⁹.

As *Investigações Lógicas* abriram um novo tempo para a filosofia alemã, pois, desde a segunda metade do século XIX Kant havia sido reintroduzido na maior parte das universidades alemãs e não era possível estudar filosofia sem colocar-se os problemas kantianos. Pelo contrário, a fenomenologia de Husserl manifestava a esterilidade de outras formas de fazer filosofia e de modo especial do neokantismo.

No seu desenvolvimento filosófico, Husserl foi guiado em Viena por Franz Brentano que afirmava sobre a intencionalidade dos atos, pois «dizer que um ato é intencional significa afirmar que se dirige para um objeto, que é um pensamento ou percepção *de* algo, um juízo *sobre* algo, um desejo *de* algo»¹⁰. Contudo, as afirmações de Brentano deixavam lacunas abertas. Por isso, foi de importância para Husserl a pessoa de Casimir Twardowski que fez algumas considerações esclarecedoras sobre o posicionamento de Brentano¹¹. Husserl, tendo recebido esta herança filosófica de Brentano e Twardowski, colocou-se a questão das repercussões da experiência sensível e indicou que Hume

⁹ Ibid., p. 49.

¹⁰ Ibid., p. 51.

¹¹ Cf. MACINTYRE, 2008, p. 54-56.

parte de dois erros estreitamente relacionados: supõe que o que se apresenta à experiência não é mais que uma série de unidades sensoriais atômicas e não distingue entre o objeto que se apresenta na percepção e o conteúdo perceptivo do próprio ato de percepção. Deste modo, desde o ponto de vista de Hume, nem a unidade do objeto, nem a classe de objeto se dão na experiência de percepção¹².

Husserl no quinto capítulo da Segunda Investigação das *Investigações Lógicas* fez uma séria crítica à abstração como é apresentada por Hume, mas acabou por criticar diretamente, também, a Kant. A ideia de Husserl é que

os traços invariáveis, universais e necessários dos objetos e situações que apreendemos com a experiência – os traços que Kant atribuiu às estruturas a priori da razão –, são em si mesmos tão independentes de nossa razão como os objetos dos que são traços. Deste modo o a priori não é dependente da razão, o que situa a Husserl em uma clara oposição tanto a Hume como a Kant¹³.

Husserl busca, assim, analisar o invariável e necessário tal e como se apresenta na experiência através da atenção e do exame fenomenológico e através da reflexão sobre o que dita atenção e exame revelam¹⁴. Essa posição é incoerente para os neokantianos, pois para eles tudo isso é dado no *a priori* que é anterior à experiência.

Ainda, nas *Investigações Lógicas*, Husserl trata algo que depois veremos em Edith Stein, isto é, que podemos entrar no mundo de outra pessoa, ter percepções de vivências psíquicas de outras pessoas quando, pela experiência, apreendo sua corporeidade, feições, gestos, palavras,

¹² Ibid., p. 77.

¹³ Ibid., p. 79.

¹⁴ Cf. Ibid., p. 80-81.

sentimentos manifestados, etc¹⁵. Essa reflexão de Husserl é de grande importância, pois aparecerá nas afirmações de Edith Stein sobre o tema da empatia.

1.1.3 DOS ANOS 1913 A 1916

Em Gotinga, Stein teve aulas com diversos professores que foram importantes em sua formação, um destes foi Leonard Nelson que era um neokantiano que tinha como uma de suas teses principais que «não é possível nem se requer uma justificação para nossa pretensão fundamental de conhecimento, na medida em que qualquer justificação sobre esta matéria suporia apelar a algo que está além da razão»¹⁶. Stein era uma das poucas alunas de Husserl que participava das aulas de Nelson. Também, foi importante no seu caminhar intelectual a figura de Max Lehmann, autor que Stein já havia lido e com o qual participou de um seminário. O trabalho que Stein elaborou para o seminário foi de tal qualidade que Lehmann a motivou a reelaborar algo e ele aceitaria como monografia para o exame de Estado. Essa ideia abriu uma possibilidade que Stein não havia se colocado.

O ambiente cultural e acadêmico em Gotinga era de alto nível e diversos estudantes viam na obra de Husserl o caminho para sair do idealismo e redescobrir como que uma nova escolástica. Contudo, os novos posicionamentos de Husserl em *Ideias* faziam que seus discípulos comesçassem a ter dissensões com ele, pois viam que seu projeto original estava se desvirtuando e ele começava a voltar ao idealismo.

Nesse tempo, Stein voltou a se colocar seriamente a questão sobre Deus. Para ela, anteriormente, não havia lugar para a fé entre pessoas cultas, porém, vendo um grupo de filósofos que tinham em conta a Deus e que manifestavam uma relação com Ele que indicava algo superior, ela não pôde ficar indiferente.

Ainda por esse tempo, Edith Stein também se questionava sobre

¹⁵ Cf. *Ibid.*, p. 83.

¹⁶ MACINTYRE, 2008. p. 115-117.

um tema a ser abordado em sua tese doutoral. Ela tinha participado do seminário de Husserl sobre “Natureza e espírito” no qual ele

Defendia que a experiência do mundo externo entanto que objetiva somente era possível se o indivíduo era capaz de aprender dos outros, o que supunha experimentar o mundo desde o ponto de vista dos outros. Como sei o que alguém está percebendo, julgando, sentindo, recordando? Qual intencionalidade me permite dar-me conta dos atos intencionais de outros?¹⁷.

Husserl tinha utilizado várias vezes o termo *Einfühlung*, “empatia”, de Theodor Lipps¹⁸, em sua obra *Ideias*, mas era ainda aberta a questão de como abordar o tema da empatia, pois Lipps falava da empatia como o *ser conscientes* do que outro percebe ou sente, mas Husserl utilizou o termo dando, também, outros significados e abrindo algumas questões, como por exemplo,

Comparando o que se nos dá na empatia com nossa percepção da conduta corporal exterior dos outros, assinalando a possibilidade de que essas outras consciências que aparecem à nossa experiência empática não existam realmente¹⁹.

Frente a estas questões ainda abertas, Husserl acolheu com alegria a proposta da Stein para aprofundar o tema da Empatia, contudo, ele indicou que Stein fizesse um estudo da obra de Lipps em um modo de análise, abrindo diálogo, isso gerou dificuldade para Edith que recobrou ânimo após consultar Reinach que viu o trabalho que ela havia feito e a motivou a prosseguir.

Em 1914, foi declarada a Primeira Guerra Mundial e Edith Stein se

¹⁷ Ibid., p. 121.

¹⁸ Lipps não foi o primeiro a utilizar o termo empatia. Aqui é importante fazer menção a Robert Vischer que em sua tese doutoral introduziu na literatura este termo para «significar o preenchimento de um ser sensível estranho distinto de mim com um conteúdo espiritual em geral» (MANGANARO, Patrizia. *Fenomenologia da relação, A pessoa humana em Edith Stein*. Curitiba: Juruá, 2016. p. 46-47).

¹⁹ MACINTYRE, op. cit, p. 122.

ofereceu para ajudar como enfermeira frente a tantos feridos dos campos de batalha. No início de 1915, Stein concluiu sua preparação para o exame do Estado que superou com as máximas honras, restando apenas o exame de grego e, depois, poder começar sua tese doutoral. Em abril de 1915, Stein foi servir como enfermeira na Cruz Vermelha na Áustria; ela prestou este serviço até setembro deste mesmo ano. Após isso, retomou os estudos de grego e começou a preparar sua tese doutoral, que apresentou em rascunho para Husserl depois do Natal de 1915. Após longo tempo aguardando que Husserl lê-se a tese, esta foi discutida no 3 de agosto de 1916²⁰ e a qualificação dada foi de *summa cum laude*, algo não tão usual em Friburgo, local no qual Husserl estava ensinando²¹. A partir deste momento, Edith Stein começa a ajudar Husserl como sua assistente²².

1.1.4 A ADESÃO À FÉ CRISTÃ

Pode parecer estranho apresentar a experiência da fé de Edith Stein no contexto do percurso acadêmico feito por ela, contudo, o abraçar a fé cristã na Igreja Católica teve sérias repercussões no caminho intelectual da Stein²³. Seria errôneo utilizar a palavra conversão para indicar esse novo tempo da vida de Edith Stein, sendo mais oportuno dizer da acolhida da fé cristã, pois o povo de Israel já esperava o Messias e a Stein, apesar do tempo que esteve distante de sua fé, recebeu de sua mãe a importância das festas

²⁰ Foram diversas as obras escritas por Edith Stein. Não seria possível em um artigo desta dimensão fazer referência a elas, contudo, cito duas fontes que penso que iluminam grande parte dos textos publicados pela nossa filósofa, são elas: FABRO, Cornelio. *Linee dell'attività filosofico-teologica della beata Edith Stein. "Aquinas"*. v. 32, 1989. p. 193-256; ALFIERI, Francesco. *Gli inediti su Edith Stein aprono un nuovo orizzonte di ricerca*. In: MANGANARO, Patrizia; NODARI, F. (A CURA DE). *Ripartire da Edith Stein. La scoperta di alcuni manoscritti inediti*. Brescia: Morcelliana, 2014. P. 413-462.

²¹ Cf. MACINTYRE, op. cit, p. 125-133.

²² «A Stein é consciente de quanto possa ser de ajuda a Husserl. Sabe, por exemplo, que sem ela o Mestre não poderia reorganizar, catalogar, decifrar os manuscritos estenografados contendo as anotações feitas às pressas» (E. COSTANTINI – SCHULZE COSTANTINI, Erika. *Introduzione*. apud STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. Roma: Studium, 2016, p. 36).

²³ Angela Ales Bello reitera que no itinerário de Edith Stein «a dimensão religiosa ilumina em grande parte o seu caminho intelectual e mostra que sem essa, todo esforço humano permanece insuficiente» (ALES BELLO, Angela. *Prefazione*. apud. FIORE, Augusta. *Edith Stein. fra filosofia, ebraismo e cristianesimo*. Napoli: Chirico, 2017. p. 11).

judaicas e a expectativa pela vinda do Messias. São João Paulo II na homilia de canonização de Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), manifestando que mais que converter-se ao cristianismo ela foi alcançada por Cristo, disse:

O amor de Cristo foi o fogo que ardeu a vida de Teresa Benedita da Cruz. Antes ainda de se dar conta, ela foi completamente arrebatada por ele. No início, o seu ideal foi a liberdade. Durante muito tempo, Edith Stein viveu a experiência da busca. A sua mente não se cansou de investigar e o seu coração de esperar. Percorreu o árduo caminho da filosofia com ardor apaixonado e no fim foi premiada: conquistou a verdade; antes, foi por ela conquistada. De fato, descobriu que a verdade tinha um nome: Jesus Cristo, e a partir daquele momento o Verbo encarnado foi tudo para ela. Olhando como Carmelita para este período da sua vida, escreveu a uma Beneditina: Quem procura a verdade, consciente ou inconscientemente, procura a Deus²⁴.

Sabemos que para Edith Stein foi muito importante o conhecimento das obras de Santa Teresa d'Ávila. Nossa filósofa já havia tido contato com a obra *Prática do cristianismo* de Kierkegaard, contudo, não concordou com o modo como este interpretava Jesus como sinal de contradição. No verão de 1921, na casa de seus amigos, o casal Conrad-Martius, ela teve acesso à autobiografia de Santa Teresa e, como sabemos, leu de uma vez, sem intervalo, toda a obra e concluiu que o único que podia fazer era entrar na Igreja Católica²⁵. Sendo assim, em 1º de janeiro de 1922, recebeu o batismo e, em 1933, foi acolhida como noviça das Carmelitas descalças no Carmelo de Colônia.

Depois da conversão ao cristianismo, durante o seu tempo de ensino no Instituto pedagógico das Dominicanas de Espira, teve modo de se familiarizar

²⁴ João Paulo II, papa. Homilia na cerimônia de canonização de Edith Stein: Edith Stein: eminente filha de Israel e filha fiel da Igreja. apud. *L'osservatore Romano* (Edição semanal em português). n. 42, 17 out. 1998. p. 554-555.

²⁵ Para Edith Stein foi muito questionador o testemunho de fé que deu Anna Reinach após a morte de seu marido. Indo à casa da família para consolar a viúva, ela saiu consolada e impressionada.

*com o autêntico mundo católico e, de modo natural, se manifestou nela o desejo de conhecer os princípios básicos. Dirigiu-se, portanto, aos escritos de São Tomás de Aquino*²⁶.

Acolhendo o pensamento de Tomás de Aquino, Edith Stein passou a buscar a verdade na revelação divina estando certa que a verdade é Deus e que percorrer este caminho espiritual não fechava a porta para fazer filosofia²⁷. Fecho, assim, a breve apresentação do contexto filosófico e caminho intelectual percorrido por Edith Stein.

2. O CONHECIMENTO DO OUTRO

2.1 A EMPATIA

A pessoa, no ato de conhecimento tem diversas experiências e se depara com realidades muito diferentes. Uma coisa é estar diante de uma realidade meramente material que vai se apresentar para mim somente como objeto de conhecimento e que não possui interioridade, mas, no nosso dia a dia, estamos constantemente em relação com outras pessoas que, também, são alvo do meu conhecimento, contudo, não são meras matérias, mas possuem psique e espírito. Para falar do outro presente a mim como objeto de conhecimento, Edith Stein aprofundará o tema da empatia que, segundo ela mesma, são «uma espécie de atos experienciais *sui generis*»²⁸. Pode-se dizer que

*A empatia é um ato cognitivo que permite estabelecer um contato mais profundo com o que o outro vive e sente, mas os dois sujeitos não se identificam, não se fundem, nem se confundem: de fato, não é possível violar a individualidade do viver*²⁹.

²⁶ SERAFINI, Marcella. L'influsso della filosofia medievale nel pensiero di Edith Stein. apud. MANGANARO; Nodari, 2014. p. 219-220.

²⁷ Cf. FIORE, 2017, p. 37.

²⁸ STEIN, 2016. p. 79.

²⁹ MANGANARO, 2016, p. 51.

De fato, posso empatizar com realidades não humanas como pinturas, esculturas, músicas e diversos outros aspectos da cultura, mas somente a empatia com o outro ser humano é que me dará possibilidade de adentrar no profundo da realidade humana.

2.1.1 À EMPATIA E A CORPOREIDADE

Edith Stein diferencia em sua exposição a realidade do corpo vivente (corpo próprio) da realidade do corpo físico. Para que se dê a empatia é fundamental a realidade do corpo não somente como corpo físico, mas, também, como corpo próprio que é dotado de sensibilidade, que ocupa um espaço corporal não somente externo³⁰.

Se o corpo vivo é a linha divisória entre o interior e o exterior, esse possui a função de nos colocar em relação com a psique e o espírito de outros eus: a empatia tornar-se então a junção para a compreensão das pessoas espirituais³¹.

Na relação intersubjetiva a corporeidade é fundamental³². tocar um corpo é tocar na pessoa, assim se compreende o sofrimento daquelas pessoas que foram violentadas em sua dignidade física-sexual. Não foi somente um corpo que foi tocado ou abusado, mas a interioridade foi tocada por este ato³³. Fica claro que a pessoa não é somente Körper, mas Leib.

Alcancemos aqui a raiz da unidade entre corpo (Leib) e alma; mas com isso também à pergunta: qual a

³⁰ Cf. STEIN, op. cit., p. 128.

³¹ MANGANARO, op. cit., p. 53.

³² «Edith Stein considera o Leib como ponto de partida indispensável para o início do conhecimento intersubjetivo, que nos permite compreender a psique e o espírito de outros eus. Todo ser humano revela já em seu corpo vivo sua unicidade, dignidade, liberdade e inviolabilidade» MANGANARO, 2016, p. 56.

³³ «De fato, quando Stein define os dados fundamentais do problema antropológico – escrevendo “Sou homem e tenho um corpo e uma alma. O meu corpo é um corpo humano, e a minha alma uma alma humana” –, é essencial dar-se conta que não se trata do “corpo” no sentido material e fisiológico – do “Körper” – mas do corpo vivente enquanto vivido subjetivamente: do único corpo que se pode dizer “meu”, porque somente ele é imediatamente relacionado a um “Eu”» LAVIGNE, Jean-François. *Anima, Corpo Spirito*. apud. Ales Bello, Angela; Zippel, Nicola (a cura de). *Ripensando l'umano. In dialogo con Edith Stein*. Roma: Castelvechi, 2015. p. 85.

relação do eu com a alma? Eu sou a minha alma? Evidentemente nem isso é possível dizer. Eu sou ser humano e tenho corpo e alma. O meu corpo é um corpo humano e a minha alma é uma alma humana; isso quer dizer porém um corpo pessoal e uma alma pessoal. Um corpo pessoal, isto é, um corpo no qual habita um eu e que pode ser configurado através do agir livre do eu³⁴.

Por meio da empatia é possível se chegar ao âmbito dos valores e não estar somente no âmbito do físico³⁵. Pela empatia dou-me conta da realidade espiritual do outro, não somente percebo o outro, mas me apercebo do seu "tu", um "tu" que não é diverso do meu "eu" e que reflete as realidades vividas, desejadas, planejadas, etc. por mim. Deste modo, dou-me conta de um sujeito que não é estático como as meras realidades materiais. Sem dúvida, é certa a afirmação de que a «empatia é o outro nome da relação»³⁶. Nesta realidade de relação, o outro sempre poderá dar-se conta de nosso estado vivencial, pois não conseguimos esconder o que estamos sentindo, uma vez que é evidente quando uma pessoa está exausta, preocupada, triste ou exuberante de alegria. Tudo isso, fica claro na realidade da corporeidade.

A passagem do evento puramente psíquico à expressão do corpo é algo que pode ser sujeito ao domínio da vontade: a expressão da raiva ou da alegria pode ser contida sem que as emoções mesmas devam ser sufocadas. Quem é capaz de um tal domínio sobre a própria expressividade tem um aspecto corpóreo totalmente diverso de quem deixa que se manifeste livremente a sua interioridade³⁷.

³⁴ STEIN, Edith. *La struttura della persona umana. Corso di antropologia filosofica*. Roma: Città Nuova, 2013. p. 117.

³⁵ «O Leib permite o conhecimento, a comunicação mútua entre os seres humanos, seja pessoal-relacional, seja social e cultural» MANGANARO, op. cit., p. 55.

³⁶ «Empatia è l'altro nome della relazione» MANGANARO, Patrizia. *Empatia*. Padova: Messaggero di Sant'Antonio, 2014. p. 31.

³⁷ STEIN, 2013, p. 125.

2.1.2 EXPERIÊNCIA ORIGINÁRIA E NÃO ORIGINÁRIA

Edith Stein, por meio de exemplos muito simples, busca explicar o modo como o meu eu pode entrar na vivência do outro, como é o caso de um amigo que me diz que perdeu um irmão e eu me dou conta da sua dor³⁸. Mas, o que é este dar-se conta? A resposta a esta pergunta é fundamental, pois, indicará como apreendo a vivência do outro e, ao final, que não há lugar para a indiferença na vida humana.

Certamente, a empatia não se identifica com a percepção meramente externa embora «tenha com essa uma certa analogia, no sentido, isto é, que o seu objeto se revela *hic et nunc*»³⁹. Contudo, o objeto da empatia não é algo que posso captar na sua totalidade, pois, sempre haverá algo que me escapará uma vez que a pessoa traz em si mistérios que, às vezes, nem ela conhece de si mesma. Se na análise de uma pedra eu posso especificar a dimensão, observar o formato, apreender a cor, conhecer a composição, etc., frente à outra pessoa não consigo decifrar seu enigma como se fosse mera exterioridade⁴⁰. Por meio da empatia

Conhecemos nós mesmos e re-conhecemos os outros como nossos símiles, outros eu, em recíproca doação de sentido. Quem diz empatia diz eu, e diz tu. De uma só vez, diz intrapessoal e interpessoal. Diz nós⁴¹.

Mas, o dizer “nós” não retira a particularidade da experiência de cada pessoa. Por isso, é importante ressaltar que quando apreendo a dor ou outra situação de outra pessoa, isso não faz com que eu tenha uma vivência em primeira pessoa daquela dor ou daquela situação. Assim, por exemplo, se vejo a alegria de alguém, isso não será sinal de que serei tomado pelo sentimento de alegria ou de tristeza, conforme a situação apreendida, embora isso possa ocorrer.

³⁸ Cf. STEIN, 2016, p. 72.

³⁹ *Ibid.*, p. 73.

⁴⁰ Cf. MANGANARO, 2016, p. 53.

⁴¹ MANGANARO, 2014, p. 9.

Sendo assim, é necessário explicitar o que é uma experiência originária diversa daquela que não é originária⁴², a saber, o ato de eu dar-me conta da tristeza do outro é um ato originário para mim, contudo, o conteúdo desse ato que é a tristeza do outro não me é originário, mas apresenta-se como conteúdo do meu ato originário, por outro lado, a tristeza será originária para o outro que passa por ela. O fato de ter apreendido o sofrimento do outro não tira dele sua dor e poderá ou não afetar minha vida. Mas, como já falamos, se a empatia me coloca no âmbito da não indiferença frente ao «outro eu», é totalmente diverso estar frente a um animal ou a outro ser humano, como expressou Stein dizendo

olho nos olhos de um ser humano e o seu olhar me responde. Deixa-me penetrar na sua interioridade ou me rejeita. Ele é senhor da sua alma e pode fechar ou abrir as portas para mim. Pode sair de si mesmo e penetrar nas coisas. Quando dois seres humanos se olham, um eu está de frente a um outro eu. Pode ser um encontro que aconteça na porta ou na interioridade⁴³.

Fica claro que para a Stein a experiência empática permite à pessoa entrar na realidade do outro sendo capaz de identificar os seus valores e as atitudes que tem quanto aos referidos valores e às emoções⁴⁴. Sempre é importante ressaltar que o sujeito da empatia está frente a outro ser humano, logo, a experiência do sujeito da empatia será sempre originária, mas este sujeito age com vivências não-originárias do outro ser humano que está frente a ele.

Neste breve artigo não desenvolverei nada sobre a empatia e a recordação, expectativa e fantasia. A Stein explica a relação da empatia com cada uma destas realidades, mas fugiria do objetivo da presente apresentação⁴⁵.

⁴² «Pertence à empatia a originalidade da própria experiência vivida?» STEIN, op. cit., p. 73.

⁴³ STEIN, 2013, p. 108.

⁴⁴ Cf. MACINTYRE, 2008, p. 154.

⁴⁵ Cf. STEIN, 2016, p. 74-80.

2.1.3 À EMPATIA E O OUTRO

Pode parecer redundante concluir essa parte de nossa reflexão sob o título “A empatia e o outro”, mas o objetivo da escolha deste título é enfatizar de modo rotundo que a empatia é fundamental nas relações humanas e que ajudará o sujeito em toda a sua formação e vivência, pois, «a empatia nos chama a refletir sobre o humano, na sua *integralidade*»⁴⁶, ela nos lança no mais profundo da relação com o outro tirando-nos da indiferença, fazendo-nos valorizar a alteridade.

Seguindo a linha da Edith Stein, penso em alguns exemplos singelos a respeito da relação com o outro humano. Por exemplo, se me deparo com o corpo de um animal ao lado de uma estrada, isso não comoverá o meu coração, no entanto, se se tratasse de um cadáver humano, seria diferente. A diferença mostra que entre humanos não há lugar para a indiferença, uma vez que «o humano me toca»⁴⁷. Uma vez que «Em todo tempo e lugar, o esplendor da verdade habita a luz da inteligência. Em todo tempo e lugar, a empatia é o oposto da indiferença »⁴⁸.

Edith Stein conseguiu iluminar «as modalidades com as quais a alteridade se manifesta à consciência»⁴⁹. Com sua tese doutoral, ela abriu caminhos para todo tipo de conhecimento, pois «a empatia me faz compreender a mim mesmo, a partir de tudo aquilo que não sou eu: assim, a noção de alteridade toca o humano, o não-humano, o subumano»⁵⁰.

Tendo em conta as palavras escritas por Husserl, no 29 de julho de 1916, a respeito da tese de sua aluna, vemos a grandiosidade da empatia no que diz respeito a diversas realidades, mas, de modo especial, no que diz respeito ao outro.

⁴⁶ MANGANARO, 2014, p. 36.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 40.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 42.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 68.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 77.

Na sua Dissertação sobre "O problema da empatia no seu desenvolvimento histórico e na reflexão fenomenológica" a senhorita E. Stein apresenta primeiramente (parte I) em modo instrutivo a história do problema da empatia a partir dos tratamentos iniciais de Herder até o presente. Mas o mérito maior do trabalho consiste nas tentativas sistemáticas da II-IV parte para uma fenomenologia da empatia e nas suas aplicações para esclarecer a origem fenomenológica das ideias de corpo próprio, de alma, de indivíduo, de personalidade espiritual, de comunidade social e de estrutura comunitária⁵¹.

Partimos, então, para a última parte desta reflexão que buscará realizar uma síntese entre empatia e comunidade.

3. COMUNIDADE, SOCIEDADE E ESTADO

3.1 O FATO ASSOCIATIVO HUMANO

Edith Stein após desenvolver sua tese doutoral, também se dedicou ao estudo da vivência da pessoa em uma comunidade, na sociedade e no Estado⁵². Para poder chegar a falar da Sociedade e do Estado, faz-se fundamental partir da análise da comunidade⁵³, pois, esta é a mais alta expressão de vida associativa humana.

3.1.1 A COMUNIDADE

A pessoa possui características que lhe são particulares e que lhe diferenciam das outras pessoas, mas essas diferenças não significam

⁵¹ HUSSERL, E. *Giudizio sulla dissertazione della Signorina Stein*. citado por E. Costantini – SCHULZE COSTANTINI, Erika. Introduzione. apud. Stein, 2016, p. 29.

⁵² «O trabalho de Edith Stein relativo às estruturas da vida associativa é desenvolvido na segunda parte do ensaio de 1922, dedicado à psicologia e às ciências do espírito, intitulado *Indivíduo e comunidade*, e foi completado por uma longa pesquisa sobre o Estado, publicada em 1925» Ales Bello, Angela. *Edith Stein. A paixão pela verdade*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 55-56.

⁵³ Edith Stein tem presente em sua obra o autor Ferdinand Töennies que escreveu em 1887 o livro *Comunidade e sociedade*. Cf. MACINTYRE, 2008, p. 204-205.

separação, impossibilidade de relacionamento, de fazer-se dom, de viver na «unidade com». O primeiro nível de vida associativa que Edith Stein apresenta é a comunidade. De fato, ela não vê como falar de humano sem ligar à comunidade.

A Stein não retém possível falar de ser humano individual sem pensá-lo como crescido e formado ao interno de uma comunidade. Primeiramente, se nasce como seres comunitários e depois se nos reconhece como sujeitos individuais. A primeira comunidade é a família, depois com os anos se pertencerá também a comunidades diversas entre elas, podendo decidir livremente de isolar-se ou de sair, mas não se poderá nunca eliminar este momento enquanto é exatamente ele que torna o ser humano aquilo que é, porque é a comunidade que nos permite de nos tornarmos nós mesmos⁵⁴.

A comunidade não é vista como simples agregação de pessoas ou lugar no qual as características individuais são suplantadas⁵⁵. A ideia que Stein apresenta de comunidade não tem ligação com o modo de ver de Hegel⁵⁶ no que diz respeito ao desenvolvimento do «espírito absoluto». Pelo contrário, na comunidade a individualidade, unicidade, dignidade, etc., da pessoa são mantidas e reforçadas.

Trata-se de estruturas nas quais jogam um papel importante as pessoas, os seus atos sociais e as suas relações sociais. Pode-se dizer de comunidade em sentido amplo onde não somente subsistem relações recíprocas entre pessoas, mas onde estas pessoas se apresentam também como unidade, ao interno das quais essas estão ligadas em um nós⁵⁷.

⁵⁴ PEZZELLA, Anna Maria. Comunità e popolo. apud. Ales Bello, Angela; PEZZELLA, Anna Maria. (a cura de). *Edith Stein. Comunità e mondo della vita. Società, diritto, religione*. Roma: Lateran University Press, 2008. p. 70.

⁵⁵ «A empatia na comunidade, não se torna nunca unipatia no sentido scheleriano» CARUSO, Rosalia. *Empatia e comunità nel pensiero di Edith Stein*. apud. MANGANARO; NODARI, 2014, p. 281.

⁵⁶ Cf. ALES BELLO, 2014. p. 58.

⁵⁷ STEIN, 2013, p. 188.

Esse «nós» se faz possível porque pertencemos a «uma humanidade não anônima, mas portadora de um nome universal: o espírito. Aqui fundamenta as suas raízes a nobre ideia de *communitas*»⁵⁸. Na comunidade, o sujeito singular será o que possuirá a força vital que contribuirá para que esta possa se formar e este mesmo sujeito receberá estímulos das comunidades às quais pertence⁵⁹, mas isto sem exaurir sua força vital, pelo contrário, participando de um intercâmbio de dons, dando e recebendo⁶⁰.

Navida comunitária será fundamental a solidariedade. Para compreendê-la, é necessário ter em conta as atitudes positivas que o sujeito terá a respeito dos outros sujeitos da comunidade. Estas atitudes são valor não

*Em sentido abstrato, mas enquanto ligado indissolúvelmente ao ser da pessoa. Portanto, no momento em que tomo uma posição positiva ou negativa em relação a uma pessoa, coloco-me aos seus olhos como um valor ou um não valor*⁶¹.

A solidariedade vai estar fundada na atitude de disponibilidade da pessoa na relação com os outros⁶².

*A comunidade de vida se concretiza quando os indivíduos se oferecem voluntariamente um para o outro, quando estão abertos uns para os outros e abandonam a atitude mecânica e objetivante da sociedade. Pelo contrário, na comunidade o fluxo de vida gira em torno de todo o corpo social e abraça todos os indivíduos que podem, dessa forma, entrar em relação recíproca, embora permaneçam separados no tempo e no espaço*⁶³.

⁵⁸ MANGANARO, 2014, p. 108.

⁵⁹ «A comunidade é, portanto, seja o lugar privilegiado no qual cada um realiza a si mesmo na referência constante ao outro, quanto o lugar de criação dos atos espirituais e da troca recíproca de "novas energias" que reativam *immer wieder* (constantemente) a circularidade da criação individual e do *comércio recíproco*» CARUSO, Rosalia. Empatia e comunità nel pensiero di Edith Stein. apud. MANGANARO; NODARI, 2014, p. 280.

⁶⁰ Cf. ALES BELLO, 2014, p. 57.

⁶¹ *Ibid.*, p. 57.

⁶² «A solidariedade nasce, portanto, de um profundo substrato ético, que remete a uma análise antropológica que vê na pessoa o fulcro e a meta de qualquer associação» *Ibid.*, p. 62.

⁶³ MANGANARO, 2016, p. 66.

Posso ser um dom para a outra pessoa ou um motivo de tropeço para ela, como posso acolher o dom que a outra pessoa é para mim ou tê-la como motivo de tropeço e discórdia. A comunidade subsistirá se os vínculos provenientes das forças espirituais e psíquicas minhas e dos outros tiverem boa interação. Caso não haja essa interação, não surgirá a comunidade. Da mesma maneira, para que a comunidade seja constituída não é suficiente o momento subjetivo, mas

É preciso admitir também a existência de fatores e condições objetivas, ligadas às características espaço-temporais nas quais as comunidades se localizam. Entre estas, ocorre enumerar não só a família, mas, de modo especial, os povos. Portanto, as condições externas influem sobre a mentalidade de um povo e sobre os seus sentimentos vitais. Também o mundo dos valores em que ele vive é muito importante: valores éticos, estéticos, religiosos são motivos, isto é, fatores que direcionam o comportamento dos grupos humanos⁶⁴.

3.1.2 A MASSA

Na realidade associativa humana, além da comunidade há, também, a possibilidade de formação da massa e da sociedade. Stein faz a diferenciação entre a comunidade e a massa. A comunidade será marcada pela vida espiritual e psíquica, já a massa é movida somente pela vida psíquica e uma vida psíquica débil, pois é contagiada pelo modo de «se» fazer do todo. Na massa «a vida psíquica atua somente de modo uniforme à dos outros»⁶⁵. Muitas vezes, pensa-se de se estar agindo de modo autônomo, mas, na verdade, a ação é sob a influência de outro. Ainda uma das características da massa é que nela não se pode sacrificar um pelo outro, isso poderá acontecer na comunidade e na sociedade. A presença do líder na massa

⁶⁴ ALES BELLO, op. cit., p. 59.

⁶⁵ STEIN, Edith. Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica. Apud. ALES BELLO, Angela. *Pessoa e comunidade: Comentários: Psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã, 2015. p. 97.

será para utilizar «dos indivíduos segundo suas finalidades e interesses»⁶⁶. Não poucas vezes, o líder comandará a massa e exercerá um poder totalitário. «A origem do totalitarismo é a massa arrastada por um impulso psíquico, quando a esfera espiritual – sempre existente na pessoa – não exerce sua autonomia em relação a ele»⁶⁷.

A influência daquele que tem poder acontecerá por aceitação e convicção, mas isso sem «fundamento de atividade do espírito, uma aceitação e convicção falsas por tomarem como fundamento um estado psíquico ligado a gostar ou não gostar»⁶⁸. Na formação da massa acontecerá que a psique de cada indivíduo se uniformizará com a dos outros, acontecerá esse contágio que conduz a agir de modo despersonalizado.

3.1.3 A SOCIEDADE

A sociedade, segundo Edith Stein, estará marcada pela racionalização das relações. Os diversos indivíduos assumirão um papel em relação aos outros, assim, terei o operário, os professores, etc. Cada um será considerado naquilo que serve à sociedade, segundo a função que exercerá no corpo social. Na sociedade «um indivíduo em relação a outro é um “objeto”, no sentido de que ele se coloca de modo objetivo; pelo contrário, na comunidade, cada membro é e permanece um sujeito»⁶⁹. O papel realizado por alguém hoje em uma sociedade, amanhã poderá estar sendo realizado por outro. Não há uma obrigatoriedade dessa, daquela ou da outra pessoa. O importante é que as funções sociais sejam realizadas. Por isso, não há importância de história e tradição no conceito de sociedade, pois, as mudanças podem sempre ocorrer e pessoas diversas poderão assumir novos papéis.

A sociedade não pode ser vista como uma degeneração da comunidade e nem como a sua convalidação⁷⁰, ela tem a comunidade como seu

⁶⁶ Ibid., p. 100.

⁶⁷ Ibid., p. 95.

⁶⁸ Ibid., p. 95.

⁶⁹ ALES BELLO, 2014, p. 60.

⁷⁰ Ibid., p. 60.

pressuposto para ser construída. Sem dúvida, pode haver comunidade sem sociedade, mas o contrário não é possível.

Para descrever a sociedade, Stein usa a metáfora da "mônada que não tem janelas", entendendo com isso um bloco único sem saída e "mônada" representa o termo indiscutivelmente mais apropriado, diferentemente da comunidade onde sendo desenvolvido o conceito de solidariedade, falta a autorreferencialidade típica da mônada-sociedade⁷¹.

Na sociedade estarão presentes diversos interesses utilitarísticos, realidade que o conceito de comunidade não admite. Caso isso se desse, estaríamos frente ao não valor, citado pouco acima e, por conseguinte, frente ao risco de não formação ou destruição da comunidade. Contudo, como na sociedade cada um deve assumir um papel, faz-se necessário o caráter utilitarístico. Esse caráter não é visto pela Stein como algo ruim, mas necessário, inclusive

A sociedade se torna assim um elemento mais próximo à comunidade e mais distante da massa, pelo contrário, Stein chega a afirmar que a sociedade é "uma variante racional da comunidade"⁷².

3.1.4 O ESTADO

Edith Stein escreve, no ano de 1925, um longo estudo no qual faz reflexão sobre o papel do Estado e sua importância⁷³. Em seu estudo *Uma reflexão sobre o Estado*, Stein enfatizará que este deve ser um poder que

⁷¹ AVITABILE, Luisa. Il ruolo della comunità nella vita sociale, politica e religiosa. Apud. Ales Bello; PEZZELLA, 2008, p. 103.

⁷² Ibid., p.107.

⁷³ «E é porque existem diversos níveis de consciência no sentir-se parte integrante de uma comunidade e no participar ativamente no desenvolvimento dessa, que a Stein propõe a figura do "sustentáculo" do Estado» CARUSO, Rosalia. Empatia e comunità nel pensiero di Edith Stein. Apud. MANGANARO; NODARI, 2014, p. 280-281.

represente o interesse público e, por conseguinte, transcenda os interesses singulares ou mesmo os interesses daqueles que legislam⁷⁴. Será de fundamental importância na vida do Estado a presença da solidariedade, pois, se esta não se fizer presente como disponibilidade das pessoas, não haverá sentido esta organização.

Individualizada a soberania como elemento que o caracteriza, o Estado passa a se distinguir do povo por ser uma estrutura jurídica impessoal, ao passo que o povo é uma personalidade, e tem, portanto, um caráter orgânico. Do mesmo modo, a nação está na linha da comunidade como comunidade do povo e como consciência da sua unidade e tradição. Por um aspecto, então, o Estado poderia prescindir do povo. Mas, para o seu bom funcionamento, é desejável que tenha uma comunidade de povo como fundamento⁷⁵.

A estrutura do Estado ganhará forças se a comunidade estiver bem constituída, pois, nesta haverá sentido o ser dádiva para o outro. Assim, os funcionários do Estado ganharão sentido em seu agir não por interesses pessoais, mas pelo bem de todos os que o compõem. Haverá um sair do egoísmo e viver a solidariedade.

Em seu artigo, Stein dirá

Corresponde, ainda, ao Estado que nele se encontre um poder que o represente inteiramente, o qual constitua a fonte da sua organização e de todas as suas transformações e tenha cuidado do respeito das formas estatais graças a todos os indivíduos que estão em qualquer relação com o Estado mesmo⁷⁶.

⁷⁴ Cf. AVITABILE, Luisa. Il ruolo della comunità nella vita sociale, politica e religiosa. apud. Ales Bello; PEZZELLA, 2008, p. 113-114.

⁷⁵ ALES BELLO, 2014, p. 62.

⁷⁶ STEIN, Edith. *Una ricerca sullo Stato*. citada em: AVITABILE, Luisa. *Il ruolo della comunità nella vita sociale, politica e religiosa*. apud. ALES BELLO; PEZZELLA, 2008, p. 113.

Ainda vale ressaltar que não todos os atos sociais do homem são atos jurídicos. É pelo Estado que a liberdade do homem será garantida naquilo que não ofende a esfera jurídica e que esta última não ultrapassará os limites de forma a se impor de modo totalitário. Cada Estado, por meio da sua organização, deverá defender o respeito a todos aqueles que o compõem e, por suas leis, favorecer a relação entre o eu e a alteridade.

Para concluir, embora aqui esteja sendo dada apenas uma pincelada sobre o tema, Stein tem claro que a pessoa não pode se isolar, uma vez que sempre está imersa em algum tipo de comunidade e pela empatia partilha das vivências dos outros eus, por conseguinte,

Subjetividade e intersubjetividade tornam-se fatores constitutivos da singularidade da pessoa, de uma "personalidade de grau superior", no sentido de que a dimensão espiritual, o exercício das escolhas livres, constituem o eixo que pode determinar uma unidade de intenções e, por isso, a superação do fechamento em si, numa palavra, a saída do egoísmo⁷⁷.

Vemos, assim, que o Estado e a Sociedade têm sua raiz na realidade da Comunidade e, todas essas realidades de agregação entre as pessoas necessitam da solidariedade. A análise da Stein é aguda e muito atual, pois, em nossos dias as massas seguem sendo manipuladas e continuamos a ver governos totalitários. Edith Stein, pela sua reflexão filosófica, nos indica caminhos seguros para serem seguidos, caminhos que não despessoalizam a pessoa, mas, pelo contrário, lhe dão o devido valor.

CONCLUSÃO

Após o breve percurso realizado, sem dúvida, é possível colher um pouco da genialidade dos escritos e da grandeza da pessoa de Edith Stein. Esta filósofa nos deixa um legado de suma importância seja pelo seu

⁷⁷ ALES BELLO, 2014, p. 62.

caminho intelectual, seja pela sua vida espiritual. Se Sartre afirmou ser «o homem uma paixão inútil»⁷⁸, Stein, por meio da «Empatia», mostrou como posso «por meio e com o Outro» descobrir a grandiosidade, dignidade, irrepetibilidade, etc, de cada pessoa. Uma vez que o homem não pode viver isolado, a vivência empática é um chamado a desrespeitar a indiferença e a nos enriquecermos com a diferença presente nos outros *eus* que manifestam muito do meu eu.

No itinerário percorrido, vimos a importância da análise que Edith Stein fez dos diversos modos de associações humanas, sendo que a mais privilegiada é a comunidade. Infelizmente, na era tecnológica da internet e tantos avanços científicos, há uma tendência das pessoas ao isolamento virtual e a não querer estar com os outros, não querer partilhar suas vidas reais com os demais. Muitas das relações entre as pessoas se dão unicamente no âmbito virtual, sendo assim, as relações pessoais vão se deteriorando e o número de solitários só vai em crescimento. Mesmo para enfrentar desafios como estes, Edith Stein nos indica uma atitude fundamental, a saber, a da solidariedade que vai manifestar a boa disposição do sujeito para estar com os demais e fazer-se dom para o outro saindo do seu egoísmo. Na base da comunidade, sociedade e Estado é fundamental a presença da solidariedade.

Finalmente, com Stein, podemos dizer um «não» às tentativas de manipulação da comunidade humana fazendo dela somente uma massa. Mais do que nunca, é preciso saber olhar a comunidade Trinitária para compreender o caminho que deve ser trilhado por cada um de nós, ou melhor, pelo «nós» que une todos os membros da comunidade humana, não desde uma perspectiva de anonimato, mas como aqueles que descobrem a grandiosidade do «ser para o outro».

⁷⁸ SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica*. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 750.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALES BELLO, Angela. *Pessoa e comunidade. Comentários: Psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

_____. *Edith Stein. A paixão pela verdade*. Curitiba: Juruá Editora, 2014.

ALES BELLO, Angela; PEZZELLA, Anna Maria (a cura de). *Edith Stein. Comunità e mondo della vita. Società, diritto, religione*. Roma: LUP, 2008.

ALFIERI, Francesco. Gli inediti su Edith Stein aprono un nuovo orizzonte di ricerca. In: MANGANARO, Patrizia. e Nodari, F. (a cura de). *Ripartire da Edith Stein. La scoperta di alcuni manoscritti inediti*. Brescia: Morcelliana, 2014.

AVITABILE, Luisa. Il ruolo della comunità nella vita sociale, politica e religiosa. In: ALES BELLO, Angela; PEZZELLA, Anna Maria. (a cura de). *Edith Stein. Comunità e mondo della vita. Società, diritto, religione*. Roma: LUP, 2008.

CARUSO, Rosalia. Empatia e comunità nel pensiero di Edith Stein. In: MANGANARO, Patrizia. e Nodari, F. (a cura de). *Ripartire da Edith Stein. La scoperta di alcuni manoscritti inediti*. Brescia: Morcelliana, 2014.

COSTANTINI, E.; SCHULZE COSTANTINI, Erika. Introduzione. In: Stein, Edith. *Il problema dell'empatia*. Roma: Studium, 2016.

FABRO, Cornelio. *Linee dell'attività filosófico-teologica della beata Edith Stein*. "Aquinas", v. 32. 1989.

FIORE, Augusta. *Edith Stein, fra filosofia, ebraismo e cristianesimo*. Napoli: Chirico, 2017.

HUSSERL, E. Giudizio sulla dissertazione della Signorina Stein. In: COSTANTINI, Elio; SCHULZE COSTANTINI, Erika. Introduzione, In: Stein, E. *Il problema dell'empatia*. Roma: Studium, 2016.

JOÃO PAULO II, Papa. Edith Stein: eminente filha de Israel e filha fiel da Igreja. em: *L'osservatore Romano* (Edição semanal em português). n. 42, p. 554-555. 17 outubro 1998.

LAVIGNE, Jean-François. Anima, corpo, spirito, In: ALES BELLO, Angela; Zippel, Nicola (a cura de). *Ripensando l'umano. In dialogo con Edith Stein*. Roma: Castelvechi, 2015.

MACINTYRE, Alasdair. *Edith Stein, un prólogo filosófico, 1913-1922*. Granada: Editorial Nuevo Inicio, 2008.

MANGANARO, Patrizia. *Empatia*. Messaggero di Sant'Antonio. Padova, 2014.

_____. *Fenomenologia da relação, A pessoa humana em Edith Stein*. Curitiba: Juruá, 2016.

PEZZELLA, Anna Maria. Comunità e popolo. In: ALES BELLO, Angela e PEZZELLA, Anna Maria. (a cura de). *Edith Stein. Comunità e mondo della vita. Società, diritto, religione*. Roma: LUP, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada- Ensaio de ontologia fenomenológica*. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SERAFINI, Marcella. L'influsso della filosofia medievale nel pensiero di Edith Stein. In: MANGANARO, Patrizia. e Nodari, F. (a cura di). *Ripartire da Edith Stein. La scoperta di alcuni manoscritti inediti*. Brescia, 2014.

STEIN, Edith. *Il problema dell'empatia*. Roma: Studium, 2016.

_____. *La struttura della persona umana. Corso di antropologia filosofica*. Roma: Città Nuova, 2013.

_____. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. In: ALES BELLO, Angela. *Pessoa e comunidade. Comentários: Psicologia e ciências do espírito de Edith Stein*. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

_____. Una ricerca sullo Stato. em: AVITABILE, Luisa. *Il ruolo della comunità nella vita sociale, politica e religiosa*. In: ALES BELLO, Angela; PEZZELLA, Anna Maria (a cura di). *Edith Stein. Comunità e mondo della vita. Società, diritto, religione*. Roma: LUP, 2008.